

# Prémio Camões

As vias e as  
vidas de um  
prémio

*Jorge Henrique Bastos*

QUANDO EM 1989 O ESCRITOR MIGUEL TORGA recebeu pela primeira vez o Prémio Camões, era o início do percurso de um galardão que tinha como princípio estabelecer uma conexão intercultural entre todos os sete países de língua oficial portuguesa. Com a instituição do prémio Camões, finalmente a literatura destes países tinha a possibilidade de ver reconhecida a importância dos seus autores mais emblemáticos, e em simultâneo, viam ser projectados para todas as partes onde a lusofonia se estende — já que aos poucos o anúncio do prémio foi ganhando espaço nos meios de comunicação dos respectivos países — os nomes dos galardoados, promovendo assim a divulgação e a descoberta destes autores. Nestes doze anos de existência do prémio o balanço a efectuar é o mais positivo possível. Primeiro, porque a ausência de um galardão deste cariz era uma lacuna que só diminuía o impacto da política cultural de Portugal, já que no espaço hispano-americano existia há muito o célebre Prémio Cervantes.

Era, portanto, mais do que necessária a criação do Prémio Camões, pois vinha dar o suporte cultural ao projecto e à acção da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, numa dimensão em que os valores de partilha e conagração entre todos estes povos se estabelecia na medida certa e equilibrada.

Se houve até aqui um proveito efectivo generalizado, quem de facto ficou a ganhar foi o público leitor que assim descobriu nomes cimeiros da literatura de língua portuguesa, e este é, talvez, um dos fins essenciais do prémio: revelar obras que merecem a atenção do público. Se não fosse assim, qual a possibilidade de um autor como Miguel Torga ter sido amplamente publicado no Brasil; ou mesmo Eduardo Lourenço que até então era conhecido num meio muito restrito das universidades, e acabou por ver publicado o seu livro *O Labi-*

*rinto da Saudade* numa das maiores editoras brasileiras? Mas o caminho ainda é longo, e há muitos obstáculos que devem ser superados. Se não vejamos. Este ano o prémio entra na sua 13ª edição, e até agora foram galardoados cinco portugueses:

- Miguel Torga (1989),
- Vergílio Ferreira (1992),
- José Saramago (1995),
- Eduardo Lourenço (1996),
- Sophia de Mello Breyner Andresen (1999);

intercalados por sua vez por 5 brasileiros:

- João Cabral de Melo Neto (1990),
- Rachel de Queirós (1993),
- Jorge Amado (1994),
- Antonio Cândido (1998),
- Autran Dourado (2000);

e dois escritores de Moçambique e Angola:

- José Craveirinha (1991),
- Pepetela (1997).

Como podemos notar, vários autores incontornáveis comparecem nesta lista, alguns já desaparecidos como Miguel Torga, Vergílio Ferreira e João Cabral de Melo Neto.

As polémicas não chegaram a tolar o anúncio dos prémios — como no ano em que Rachel de Queirós ganhou, em que veio a público a preferência do júri português pela obra do poeta concretista brasileiro, Haroldo de Campos; ou quando Eduardo Lourenço foi contemplado, depois da publicação de um artigo crítico a propósito do prémio. Foram factos que só mostraram a forma como tais galardões acabam por

reflectir um pouco a preferência que motiva o meio intelectual, e as polémicas fazem parte destas coisas, como ocorreu recentemente em Espanha com o prémio Cervantes deste ano que contemplou o escritor Francisco Umbral. Outro ponto interessante é o tom de revelação e desconhecimento de um autor — e isto já ocorreu por duas vezes com escritores brasileiros, a primeira com o crítico e ensaísta paulista, Antonio Cândido; a outra no ano passado com Autran Dourado, que pouquíssimos conheciam, apesar de ter um livro publicado em Portugal, «A Barca dos Homens». Quase a totalidade dos outros galardoados tinham um público fiel em Portugal, como o poeta João Cabral de Melo Neto, ou o romancista Jorge Amado, amplamente divulgado no nosso país.

O que também fica explícito aqui, é o nítido predomínio dos autores portugueses e brasileiros, em detrimento dos autores dos PALOP. Mas isso se explica pelo facto destas literaturas serem ainda jovens, e muitas das obras estão ainda em curso para se inserir nos pressupostos que norteiam a atribuição do prémio além do mais, a média de idade dos galardoados é de 70 anos, e um rol de obras publicados que beiram em média vinte títulos, e uma carreira literária fecunda.

Creio que agora o percurso do prémio entrou naquela fase em que começa a ter um maior discernimento crítico, uma visão mais abrangente, e uma atenção concentrada até apresentar uma decisão coerente para todos. Motivos não faltam para que seja assim, já que o prémio é comentado em vários países, inclusive Espanha, onde sempre é divulgado o nome do vencedor.

Como o 13 é um número simbólico para muitos, esperemos que a edição deste ano continue a provocar surpresas nos meios literários, mas que prossiga no sentido de divulgar, projectar, e estimular a criação.